

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

30 de Julho de 2024

### KHERS NIST / 2022

URSOS NÃO HÁ

*um filme de JAFAR PANAHI*

*Realização, Argumento, Produção:* Jafar Panahi *Fotografia:* Amin Jafari *Som:* Jorge García Bastidas, Marco Marcini, Mohammad Zamansani *Efeitos visuais (supervisão):* Hamed Mousavi *Montagem:* Amir Etminan *Guarda-roupa:* Hasibe Seçil Kaar, Leyla Siyahi, Ülker Çetinkaya *Interpretação:* Jafar Panahi (Jafar Panahi), Vahid Mobaseri (Ghanbar), Bakhtiar Panjei (Bakhtiar), Mina Kavani (Zara), Narges Delaram (Mãe de Ghanbar), Reza Heidari (Reza), Javad Siyahi (Jacob), Yousef Soleymani (Tio de Jacob), Amir Davari (Solduz), Darya Alei (Gozal), Rahim Abbasi (Aldeão), Sinan Yusufoglu (Sinan), Ehsan Ahmad Khanpour (Miúdo), Irman Bazyar (Soldado), Naser Hashemi, etc.

*Produção:* JP Production (Irão, 2022) *Direcção de produção:* Nader Saeivar (Irão), Sinan Yusufoglu (Turquia) *Cópia:* Midas Filmes, DCP, cor, versão original falada em turco, farsi, azerbaijani e legendada em português, 107 minutos *Título internacional:* No Bears *Estreia mundial:* 9 de Setembro de 2022, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Estreia em Portugal:* 26 de Janeiro de 2023 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Oxalá. Oxalá pudesse Panahi filmar ele mesmo a cerimónia de noivado com a pequena câmara que entrega a um aldeão da localidade fronteiriça iraniana, muito perto da Turquia, de onde vem a rede *wifi* em que todos navegam, a custo, dada a escassez de sinal que permanentemente interrompe a comunicação e encarece a electricidade. Panahi é o nome da personagem de *Ursos Não Há*, um realizador interpretado pelo realizador Jafar Panahi. Nas primeiras duas sequências, paralelas, fica estabelecido o andamento – primeiro, são quatro minutos de ficção, ficção, depois a ficção continua. E tudo em diálogo estreito com a realidade, e tudo em ligação directa com o jogo de espelhos implicado no dispositivo do “filme no filme”. Na linha do cinema de Jafar Panahi, em fase com o cinema iraniano pós-revolução islâmica, a vaga em que Abbas Kiarostami, como Mohsen Makhmalbaf ou Jafar Panahi, encontraram um território de trabalho fecundo na equação entre a realidade e a forma cinematográfica, nos limites da realidade e da ficção, no filme dentro do filme, de que *Close-up* de Kiarostami (1990) é a súpula mas um só caso. Em *Ursos Não Há*, acresce a tais camadas, pelo menos uma outra, a do movimento pendular entre as dificuldades com as autoridades com que as pessoas da cidade são forçadas a lidar e os meandros da superstição que afectam as periferias. É mais ou menos assim que um aldeão expõe a coisa ao realizador Panahi, que a gente da aldeia trata por *Sr. Engenheiro; Mestre* para o assistente que à distância dirige a rodagem do filme que o vemos fazer avançar e suspender.

Na filmografia de Jafar Panahi – tem de dizer-se o nome por extenso sucedendo, entretanto, que o seu filho Panah é também cineasta e um cineasta a seguir (na “folha” de *Estrada Fora*, projectado há uns dias, a coincidência no programa em nome da Liberdade é a florada) – esses termos de construção-desconstrução vêm de longe. Pelo menos desde meados dos anos 1990 e das suas primeiras longas-metragens, nas quais o dispositivo da filmagem é matéria fílmica. Construído em duas partes que se respondem, *Ayneh / O Espelho* (a segunda longa, de 1997) procura mesmo dar a ver as duas faces do espelho documento-ficção e é possivelmente, no interior da obra, a melhor rima de *Ursos Não Há*, em que *binómio* é palavra-mestra. Tem também de notar-se que o vector realizador-actor, no caso de Jafar

Panahi, acentuou, nou tro sentido, a perspectiva reflexiva desde o “não filme” de 2011: *In film nist / Isto Não É Um Filme*, chegado a Cannes sob a forma de ficheiro electrónico num bolo de aniversário, ou *Taxi* de 2015, ou *Se rokh / Três Rostos* de 2018, já dos tempos da turbulência com a censura e o governo iranianos que Jafar tem vindo a viver recusando deixar o seu país. É a estranha história em curso de Jafar Panahi que, em 2010, foi condenado ao confinamento na própria casa ou em território nacional e à interdição de filmar que desde então se dedicou a curto-cicuitar.

Escrito, realizado e produzido por Jafar Panahi e rodado na clandestinidade *on location*, dos dois lados de uma linha de fronteira invisível, *Ursos Não Há* segue o fio da sinopse, “duas histórias de amor perturbadas por obstáculos inevitáveis, a força da superstição e os mecanismos do poder”: à distância, um cineasta dirige uma filmagem à volta de um casal de refugiados que aguarda a fuga para França; na aldeia em que se instalou, para apesar de tudo estar mais próximo da acção da sua equipa do que se tivesse ficado em Teerão, esse mesmo cineasta vê-se confrontado com verdades e mentiras erguidas na comunidade a pretexto de uma fotografia tirada a um jovem casal de noivos. Os dois planos contaminam-se. A aldeia onde não há ursos, mas há medos instalados, é um concentrado de realidade iraniana.

“Somos cineastas. Fazemos parte do cinema iraniano. Para nós, viver é criar. Criamos obras que não são autorizadas. Portanto, quem está no poder vê-nos como criminosos. O cinema independente reflecte a sua própria época. Vai buscar inspiração à realidade. E não pode ser-lhe indiferente. A história do cinema iraniano testemunha a presença constante e activa de cineastas independentes que lutaram para afastar a censura e garantir a sobrevivência desta arte. Neste caminho, há quem tenha sido proibido de fazer filmes, e há quem tenha sido forçado ao exílio ou remetido ao isolamento. E não obstante, a esperança de voltar a criar é uma razão para existir. Abstraindo de onde, quando ou sob que circunstâncias, um cineasta independente ou está a criar ou a pensar em criação. Somos cineastas. Independentes.”

Não é do filme, é da realidade da apresentação de *Ursos Não Há* no Festival de Cinema de Nova Iorque em 2022, um discurso de Jafar Panahi lido em inglês pela actriz Mina Kavani, a Zara deste filme. No ano seguinte, Jafar Panahi seria preso pelas autoridades iranianas ao questioná-las acerca da prisão, por críticas à violência policial, dos realizadores Mohammad Rasoulof e Mostafa Al-Ahmad. Foi então que as ditas autoridades consideraram efectivar a sentença de seis anos decretada em 2010 por propaganda contra o regime, embora o tenham libertado dias mais tarde atendendo à pressão internacional. Pouco depois, Jafar Panahi viajou com a mulher para França, país onde vive a filha de ambos, saindo do Irão pela primeira vez em catorze anos. Diz-se que terá voltado.

Em *Ursos Não Há*, a sua personagem é descrita pela personagem do seu assistente como “Um realizador proibido de sair do seu país, no limite da fronteira. Podia ter sido reconhecido e preso.” O que seria – diz o assistente – uma grande confusão, tendo sido preferível trazer-lhe o material do dia de filmagens num disco rígido galgando a falta de ligação à Internet, na noite da história da estrada dos contrabandistas e da estrada dos traficantes de pessoas. A mesma noite em que Panahi, o realizador do filme de Jafar Panahi, dá dois passos para trás e arre pia caminho para voltar para “casa”. *Ursos Não Há* tem momentos intensos, um enredo mais intrincado e mais abertamente político do que outros filmes de Panahi, e faz do estado turvo o seu elemento, em progressão rumo à atrocidade. Numa sequência particularmente forte, de novo a reflectir *O Espelho*, a Zara de Mina Kavani volta-se directamente para a câmara e interpela olhos nos olhos o seu realizador. As palavras são duras, como os tempos.

Maria João Madeira